

SIGNOS DA RESISTÊNCIA LGBTQIA+ NO MANIFESTO DE *MOTHER MONSTER*, NO VIDEOCLÍPE *BORN THIS WAY* DE LADY GAGA.

Euclides V. Sousa¹, Eluiza B. Ghizzi²

1. Mestrando do programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).
2. Docente do Departamento de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) / Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP) / Orientador.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio da narrativa audiovisual do clipe *Born This Way*, da cantora Lady Gaga, signos da liberdade contemporânea, mais especificamente, o uso de símbolos relacionados à comunidade LGBTQIA+, como o triângulo rosa e o unicórnio. O corpus desta investigação é o prólogo do videoclipe de *Born This Way*, que tem como tema o nascimento de uma nova raça, livre de preconceitos e julgamentos. A base teórico-metodológica utilizada para a análise inclui o conceito de símbolo em Charles S. Peirce (1839-1914) e o de polifonia em Mikhail M. Bakhtin (1895-1975). Percebendo a narrativa audiovisual como gênero narrativo passível de discussão, um conceito bakhtiniano, foi considerado o videoclipe como gênero literário por um viés pop. A pesquisa concluiu sobre a existência de significados em *Born This Way* que tratam sobre liberdade e resistência, no que diz respeito ao grupo LGBTQIA+ e, também, sobre fluidez de gênero.

Palavras-chave: Contemporâneo; Identidade; Narrativa.

Introdução

Dentre as manifestações culturais contemporâneas que mais se destacam, o videoclipe marca o surgimento de uma nova fase da linguagem audiovisual, com produtos massivamente consumidos pelos espectadores e, mais recentemente, pelos internautas. Ao lado de seu sucesso comercial, seguiram-se estudos que nos permitem classificá-lo hoje como “sistema híbrido”, proposição de Arlindo Machado (1997), ou como uma “narrativa híbrida”, tal como sugere Holzbach (2010); e até vê-lo retrospectivamente como um marco na nossa história cultural recente, como propôs Ângela Pryston (2012, p. 10), no prefácio da obra *Elogio da desarmonia*, de Thiago Soares.

Se tivéssemos que eleger a forma cultural mais representativa dos últimos 30 anos da cultura ocidental, talvez nos deparássemos necessariamente com o videoclipe, algumas das imagens mais reveladoras sobre a cultura de massas do final do século XX e início do século XXI são trechos de videoclipes: Michael Jackson breakdancing como um zumbi em *Thriller*; Madonna parodiando Marilyn Monroe em *Material Girl*.

O caráter híbrido das narrativas já se manifestava desde as raízes do videoclipe nas artes do vídeo e do cinema que, ao trabalhar a partir das relações possíveis entre o sonoro e o visual, já carregavam formas e conteúdos de linguagens visuais e sonoras, como música, fotografia, teatro e outras. Nessa esteira, o videoclipe nasce tanto como um modo de apresentar uma música quanto de contar uma história e, como afirmado por Pryston (2012), teve Michael Jackson (1958-2009) e Madonna (n.1958) como proponentes de narrativas ficcionais importantes do final do século XX, seguidos por Lady Gaga (n.1986), que aponta no cenário musical já definindo um caminho próprio. Em entrevista ao *Fantástico* (2009), a cantora fala a respeito da sua entrada no cenário popular musical: “quando eu entrei nesse mercado, eu senti que havia um chamado de liberação, que as pessoas queriam um pouco de escapismo, e a minha arte é sobre isso.”

Os termos do depoimento da artista sugerem ler sua temática a partir de uma tentativa de aproximação entre ela e seu público, algo que a música pop frequentemente faz por meio temas que são comuns a muitas pessoas, que podem então expressar-se por meio dessa música. Esse vínculo também tende a afetar o modo como se desenvolvem as narrativas, sendo as ficcionais, a que se referiu Pryston (2012), um modo de acessar e dar uma expressão atual a conteúdos já estabelecidos dentro das culturas dessas pessoas. Um exemplo disso inclui o videoclipe da faixa *Born This Way* (2011), no qual Lady Gaga apoia-se nas narrativas de nascimento divino. Ela retrata o nascimento de uma nova raça, sem preconceitos e julgamentos, que luta pela união e liberdade. Esses ideais se fazem presentes em sua arte – e nessa obra – a partir de um contexto de problemas sociais contemporâneos, como o das frustrações de uma juventude sexualmente reprimida e de vozes silenciadas, como da comunidade LGBTQIA+.

Dentro desse contexto brevemente delineado, propomos neste artigo uma análise de uma obra de Lady Gaga. A perspectiva sobre a recorrência a referências tão diversas na obra audiovisual da artista se dá pelo conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin (1895-1975).¹ Ao mesmo tempo, considerando que essas adotam signos

¹ A polifonia é um conceito muito caro à linguística contemporânea. Utilizada metaforicamente por Bakhtin, na análise da obra de Dostoiévski, e por Lacan, na caracterização do inconsciente, participa hoje do acervo

culturalmente estabelecidos, trazemos para a discussão conceitos da semiótica de Charles S. Peirce (1839-1914), particularmente o de signo simbólico. Objetivando apoiar o estudo em algo delimitado dentro da obra da artista, evitando assim nos perdermos na análise, definimos como corpus o prólogo do videoclipe *Born This Way*, chamado de Manifesto da Mãe monstro. Concebido como uma narrativa audiovisual sobre a liberdade contemporânea, relacionada à cultura LGBTQIA+, traz entre seus signos, destacados neste estudo a título de exemplo, o unicórnio e o triângulo rosa. Nosso olhar para esses signos tem como objeto o modo como os seus significados e, portanto, seu processo interpretativo é conduzido, o que permite revelar, também, outros significados dentro da obra.

Metodologia

Bem-vindos a G.O.A.T! – O “Território Alienígena Comandado pelo Governo”, ao qual Lady Gaga, por meio da personagem Mother Monster, convida o leitor a um passeio e, conseqüentemente, a presenciar o nascimento de determinadas criaturas consideradas “perfeitas”, pela narrativa. Com esse evento tem início a apresentação do universo ficcional idealizado no videoclipe de Lady Gaga, *Born This Way*. Um universo que, conforme já explicitado neste artigo, propõe reflexões sobre questões sociais atuais, particularmente para um público jovem, configuradas por meio de uma narrativa audiovisual.

A interpretação do simbólico na narrativa de *Born This Way* torna-se possível por meio de um intérprete que deverá ir se legitimando como conhecedor das vozes que constituem os conteúdos desse universo narrativo ficcional, provenientes dos símbolos culturais nos quais a narrativa se apoia. Esse conhecimento, que se apoia na percepção desse intérprete e na sua experiência com o tipo de coisa do qual se fala, chamada por Peirce (CP 8.179) de experiência colateral, torna-o apto a interpretar, gerar signos interpretantes, a estabelecer relações com esse conhecimento adquirido e a acessar novas ideias, participando do universo ficcional proposto.

Apresentamos aqui o conceito peirciano de símbolo, por meio de uma das tricotomias de Peirce, definida a partir do signo triádico e das relações entre dois de seus correlatos; trata-se da tricotomia acerca da relação que se dá entre signo e objeto e que os subdivide em ícones, índices e símbolos. Segundo Santaella (2005, p. 14), “Se o fundamento é um quali-signo, na sua relação com o objeto, o signo será um ícone; se for um existente, na sua relação com o objeto, ele será um índice; se for uma lei, será um símbolo.” O símbolo – diferentemente do ícone e do índice, que apoiam-se, respectivamente, em relações de similaridade e contigüidade - é um signo que se torna tal pelas leis que o direcionam, por meio do intérprete, a uma associação convencional entre signo e objeto:

O símbolo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o símbolo a significar o que ele significa. Em outras palavras, o símbolo está conectado a seu objeto em virtude de uma ideia da mente que usa o símbolo, sem o que uma tal conexão não existiria. Portanto, é no interpretante que se realiza, por meio de uma regra associativa, uma associação de ideias na mente do intérprete, associação esta que estabelece a conexão entre o signo e seu objeto. (SANTAELLA, 2005, p. 25)

Exemplificamos essa relação em referência a um dos símbolos sob análise: o “triângulo cor rosa”, que é um signo originado na nossa história recente, porque usado para marcar prisioneiros homossexuais durante o Holocausto. Juntamente com outros signos, ele é chamado a compor o manifesto da Mother monster (o prólogo), com um papel de destaque, porque participa da abertura do videoclipe. Sua relação com o contexto da narrativa, contudo, assume um valor diferente do original, pois carrega consigo sua ressignificação na era atual, como um símbolo de resistência da comunidade LGBTQIA+.

Resultados e Discussão

O videoclipe para a faixa da canção *Born This Way* inicia com a aparição da silhueta de um unicórnio em um beco, dentro de um triângulo rosa, como mostrado no frame da Figura 1.

Figura 1: Frame do videoclipe de *Born This Way* (2011).

conceptual de diversos ramos da ciência da linguagem (ROMAN, 1992-1993, p. 195-205).



Fonte: Canal Lady Gaga, Youtube, 2011.

A figura mística do unicórnio é um signo importante para o entendimento do trecho em análise; é percebido como um símbolo de narrativas mitológicas, cujo significado não é unívoco, resulta de longa tradição com certas variações; entre elas, propomos entender o unicórnio nesse videoclipe como representando o amor, fortemente associado à figura da procriação divina. Na cultura ocidental, o unicórnio representa divindade, o belo, a criação, um ser grávido, a fecundação divina, a virgem fecundada pelo espírito Santo². Esse ser mitológico pertence a diferentes culturas, porém, tem origem na era medieval e costuma ser descrito como um animal belo, doce e puro que, apesar da aparente fragilidade, é um ser indomável. A lenda em torno do unicórnio afirma que apenas uma donzela virgem é capaz de domá-lo (ANNA, 2022), o que é o tema da obra de diversos artistas, como se pode ver em *A Virgem e o Unicórnio*, de Domenico Zampieri, c. 160.

A figura mitológica do unicórnio, na cena inicial, figura 1, simbolizam tanto o nascimento quanto o renascimento, o que é interpretado como coerente com um processo de criação, originado de um suposto deus representado pela Mãe monstro, das criaturas perfeitas. As imagens que se seguem a essa cena inicial vão nos inserindo no processo de procriação deste ser místico. A figura do unicórnio, na medida em que liga a representação à mitologia da procriação divina, atribui santidade à Mãe monstro, ideia que abarca a iconografia da virgem Maria na tradição cristã. Nascidas dessa mãe divina, as criaturas por ela geradas são descritas no manifesto supracitado como “Uma raça dentro da humanidade. Uma raça sem preconceitos, sem julgamentos, com uma liberdade sem fronteiras”.

Ainda sobre a representação do unicórnio na narrativa, vale registrar como de especial relevância para o tema estudado neste artigo, que se trata de um símbolo vivo, ou seja, que preserva, mesmo hoje, seu poder de crescimento dentro das culturas. Exemplo disso é a sua ressignificação por aqueles que não desejam se enquadrar dentro de um gênero e sexualidade específicos, que se identificam com a fluidez de gênero, e que passaram a se referir a esse ser mágico – o unicórnio - como uma espécie de gíria dentro dos movimentos de apoio à causa LGBT (ANNA, 2022).

Outro símbolo importante a compor a narrativa de *Born This Way* é o triângulo rosa que, como o unicórnio, também tem seu significado associado à comunidade LGBTQIA+. Algo importante relacionado à história desse símbolo é o fato de ser, anteriormente, uma referência a um dos períodos de maior privação das liberdades individuais, o nazismo. Figura característica desse período, o triângulo rosa era usado para identificar os prisioneiros homossexuais.

No entanto, essa figura, que antes recaía sobre um pesar, com valor de um massacre, foi ressignificada como símbolo de respeito às diferenças de gênero nas sociedades contemporâneas. Esse símbolo protestativo, contra a homofobia, foi utilizado pelo movimento “Libertação Gay” para se referir a pessoas LGBTQIA+ no final da década de 1960 até meados da década de 1970 na América do Norte, Europa Ocidental, Austrália e Nova Zelândia (GOOGLE ARTS & CULTURE, 2007).

No videoclipe, portanto, esse símbolo deve ser interpretado a partir de sua significação inicial, ligada ao mal; mas, também, da sua ressignificação ligada a algo bom, pois, a lembrança de um período de privação da liberdade apenas reforça o que símbolo representa hoje, a resistência e o orgulho de ser gay. Trata-se de um símbolo que, tal como o unicórnio, é ativo e vem sendo usado em movimentos políticos, como o triângulo rosa associado ao “Silêncio=Morte”, usado pelo grupo *ACT UP* (AIDS Coalition to Unleash Power):

Conclusões

Através de símbolos relacionados à contemporaneidade, em específico à comunidade LGBTQIA+, como

² Representa na iconografia cristã a Virgem fecundada pelo Espírito Santo. Esse chifre único pode simbolizar uma etapa no caminho da diferenciação: da criação biológica (sexualidade) ao desenvolvimento psíquico (unidade assexuada) e à sublimação sexual. O chifre único foi comparado a um pênis frontal, a um falo psíquico: o símbolo da fecundidade espiritual (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2005, p. 1037).

o triângulo rosa e o unicórnio, entendemos que o universo de *Born This Way* pretende ser mais do que apenas uma ficção, vem destacar a importância de vozes que não podem ser mais silenciadas. Essa resolução, combinar canais de entretenimento, como o *Youtube*, a discursos tão plurais, é de suma importância para uma juventude que consome essas mídias e que se expressa através da diferença.

A narrativa de *Born This Way* não se pretende indiferente aos conflitos da contemporaneidade, é a valorização de uma história de resistência e do orgulho de ser membro da comunidade LGBTQIA+. Esses símbolos são importantes e representativos para todos do grupo, assim como poder de resignificação que carregam; o triângulo rosa traz consigo a memória dos homossexuais que foram executados nos campos de concentração; e o unicórnio a união das narrativas de nascimento divino ao movimento LGBTQIA+. Esse significado anterior dentro do significado atual, o mal dentro do bem, parece fazer alguma ressonância ao segundo nascimento a que se refere o Manifesto, o nascimento do mal, e à luta entre o bem e o mal. Cientes dessa história, ambos os signos tornam essa comunidade mais resistente ao reconfigurar símbolos uma vez alocados como lugar de ódio. Isso é similar ao que ocorreu com as gírias “viado” e “bicha”, que no passado eram uma expressão homofóbica e na atualidade são usadas entre os membros da comunidade como reafirmação do orgulho de ser eles mesmos e de preservar sua identidade.

Essas vozes evidenciadas pelo narrador *Mother monster*, a criação da cantora Lady Gaga, estão distantes de ser imparciais. Dirigem-se a intérpretes que se identificam com o poder da narrativa, com o que é destacado pelo prólogo: “E assim ocorreu o início de uma nova raça. Uma raça dentro da humanidade. Uma raça sem preconceitos, sem julgamentos, apenas uma liberdade sem fronteiras.”

Ao finalizar essa investigação, retomamos aos objetivos propostos no início da pesquisa; de, por meio de análise de signos da narrativa audiovisual do videoclipe de *Born This Way*, de Lady Gaga, presentes no prólogo chamado de Manifesto da Mãe Monstro, seria possível observar referências relacionados à cultura LGBTQIA+, com destaque para o unicórnio e o triângulo rosa. Ainda que brevemente, como cabe a um artigo, iniciamos relações com o conceito de polifonia de Bakhtin e com o de símbolo em Peirce, o que permitiu compreender aspectos de como a narrativa reforça discursos representativos da contemporaneidade, como o respeito às diferenças de gênero nas nossas sociedades.

Referências bibliográficas

- ANNA, G. **Unicórnio**: descubra a origem e o significado dessa gíria. São Paulo, 2022. Disponível: <<https://www.significadofacil.com/unicornio/>>. Acesso em: 12, Fev de 2022.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução do francês por Vieira da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Angela Melim; Lucia Melim. ed. 27^o. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FANTÁSTICO. **Entrevista completa de Lady Gaga para Zeca Camargo no Fantástico**. Youtube, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <link de publicação do vídeo>. Acesso em: 12, Fev de 2022.
- GAGA, L. **Born This Way**. Youtube, New York, 2011. Disponível:< <https://www.youtube.com/watch?v=wV1FrqwZyKw>>. Acesso em: 12, Fev de 2022.
- GOOGLE ARTS & CULTURE. **Libertação Gay**. New York, 2007. Disponível: < <https://artsandculture.google.com/entity/m05rjgs?hl=pt> >. Acesso em: 12, Fev de 2022.
- HOLZBACH, A. D. **Excesso, esquizofrenia, fragmentação e outros contos**: A história social de surgimento do videoclipe. In: INTERCOM, 33, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom / UCS. Disponível em: <<http://pesquisadores.uff.br/academic-production/excesso-esquizofrenia-fragmenta%C3%A7%C3%A3o-e-outros-contos-hist%C3%B3ria-social-de-surgimento>>. Acesso em: 12, Fev de 2022.
- MACHADO, A. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papirus, 1997.
- PEIRCE, C. S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. 8 v. C. Hartshorne, P. Weiss e A Burks (Eds.) Cambridge, MA: Havard University Press, 1931-1958.
- ROMAN, A. R. **O CONCEITO DE POLIFONIA EM BAKHTIN - O TRAJETO POLIFÔNICO DE UMA METÁFORA**. Revista Letras, [S.l.], v. 42, dez. 1993. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19126>>. Acesso em: 06 mar. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v42i0.19126>.
- SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.
- SOARES, T. **Videoclipe**: o elogio da desarmonia. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012